

A afetividade em cursos de música em ambientes digitais de aprendizagem

Roberto Marcos Gomes de Onófrio

DTTP-UFSCar
robertootrebor@hotmail.com

Maria Iolanda Monteiro

DTTP-UFSCar
mimonteiro@ufscar.br

Glauber Lúcio Alves Santiago

DAC – UFSCar
glauber@ufscar.br

Resumo: Como afetividade, entendemos os sentimentos e emoções vivenciados pelas pessoas no decorrer da sua vida. Porém, em um mundo tão voltado para o desenvolvimento da tecnologia, principalmente a digital, a afetividade vem sendo deixada em segundo plano. No ensino da música em ambientes digitais de aprendizagem, a afetividade é entendida sobre dois pontos, o primeiro que trata da questão das emoções e sentimentos na relação do fazer música e na segunda sobre o aspecto da falta de afetividade no ensino feito por interfaces digitais. A partir disso, o texto busca discutir a questão da afetividade em curso de música em ambientes digitais. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica a partir da palavra-chave “afetividade”. Os resultados apontam que, nos ambientes em que a afetividade é presente, o resultado do aprendizado é mais significativo.

Palavra-Chave: Afetividade; Ambientes digitais de aprendizagem; Ensino de música.

1. Introdução

A música tem uma função primordial na nossa sociedade e traz benefícios incontáveis para todas as pessoas, independente de sua idade. Chiarelli e Barreto (2005) apontam a música como meio de desenvolver a inteligência e inclusão social na educação infantil. Para Fortes (2008), a dança e a música trazem benefícios tanto em aspectos cognitivos como em aspectos motores em indivíduos da terceira idade, “enquanto dançam os participantes envolvidos pela música, ativam a memória relembrando as coreografias, executando exercícios de lateralidade e movimentos delicados de habilidade motora fina.” (FORTES, 2008, p. 426). Porém, apesar dos benefícios da música para todas as idades, percebemos uma desvalorização nas políticas educacionais, valorizando áreas tecnológicas

em detrimento ao estudo da música e das artes.

Com o desenvolvimento da tecnologia digital e a incorporação dessa tecnologia nos meios educacionais, a questão da afetividade, sentimentos e emoções, foi mais uma vez relegada a segundo plano. A educação dos sentimentos e das emoções significa dirigir a atenção de educadores para o conhecimento que vem sendo sistematicamente preterido a favor do conhecimento intelectual, não só nas escolas, mas principalmente no âmbito familiar. Para Ponty (1999) tudo que sabemos do mundo e fruto na nossa experiência e da nossa vivência pessoal, o conhecimento sensível (DUARTE JUNIOR, 2001). Ao racionalizar esse conhecimento e transformá-lo em palavras, passamos para o campo do conhecimento intelectual. (DUARTE JUNIOR, 2001)

Além da desvalorização do ensino do sensível, o fator é que o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões no plano social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis do ser humano se relacionar com a vida. Ilari (2016) nos mostra como esses problemas da tecnologia e da falta de valorização de uma educação sensível pode afetar o desenvolvimento das crianças,

A televisão, os jogos eletrônicos, a linguagem simples, as músicas infantilizadas que são por demais repetitivas e supersimplificadas, entre outros, incentivam atitudes passivas e pouco estimulam o cérebro e funções como a resolução de problemas, a memória e o sistema motor. (ILARI, 2006, p. 54)

Apesar das implicações que a tecnologia nos trás, não podemos “dissociar a sociedade da tecnologia, nem a tecnologia da sociedade” (CASTELLS, 1999, p. 19). A tecnologia por si só não é capaz de modificar a sociedade, o problema do desenvolvimento tecnológico está na maneira como ela é incorporada e utilizada dentro da nossa sociedade, valorizando os aspectos tecnológicos em detrimento aos aspectos humanos como a afetividade.

Na educação, a tecnologia digital também está alterando o processo de ensino-aprendizagem, com a concepção e construção de novos conteúdos, novas mídias, e principalmente ampliando as possibilidades das aulas, antes restrita ao mesmo espaço físico e de forma síncrona, para espaços digitais em que os alunos podem participar distantes do

local da instituição de origem e de maneira assíncrona.

No ensino superior em música, como nas demais áreas do conhecimento humano, há uma grande oferta de cursos disponibilizados quase que totalmente de forma digital. Esses cursos são colocados em plataformas de ensino digitais, chamados Ambientes Digitais de Aprendizado (ADAs). Esses ambientes, como o MOODLE, TELEDUC, WEBCT e *Blackboard*, são espaços criados digitalmente, através de *softwares* instalados em servidores, que simulam um ambiente de sala de aula e que gerenciam o conteúdo, a relação dos alunos com os professores e o ambiente.

Por meio de *interfaces* gráficas, disponibilizadas no sistema, o aluno faz as atividades, lê as informações sobre prazos para entrega das atividades, tira dúvida com os tutores, com os professores e com a equipe de coordenação. Toda a relação de aprendizado, de interação e comunicação é feita através das *Interfaces* (ONOFRIO, 2016).

Para Johnson (2001, p. 17), *interface* é “a palavra se refere a *software* que dá forma à interação entre usuário e computador. A *interface* atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra” Santaella (2003) traz uma definição mediadora ao afirmar que “Interfaces são as zonas fronteiriças sensíveis de negociação entre o humano e o maquínico, assim como o pivô de um novo conjunto emergente de relações homem-máquina.” (SANTAELLA, 2003, p.2).

Como observamos até aqui, o avanço tecnológico possibilitou a criação dos ADAs e através de políticas do governo federal, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), foi possível levar ensino de qualidade para regiões distantes dos grandes centros universitários. Porém, apesar dessa democratização de acesso ao ensino, graças ao desenvolvimento das tecnologias digitais, o ambiente da sala de aula se tornou mais impessoal e menos afetivo, pois todo o processo de ensino-aprendizagem é feito através das *interfaces* do computador conectado a *internet*.

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem da música em ADAs. Pela complexidade do objeto buscamos um tema pouco explorado nessa modalidade de ensino, a afetividade.

O objetivo para esse artigo é discutir a afetividade em cursos de música em ADAs, focando tanto na importância da afetividade na concepção do ambiente de aprendizado e na

relação entre aluno, professor, conteúdo e ambiente, e a partir disso, além de melhorar a relação do aprendiz, trazer ao aluno, futuro educador musical, a importância da música na educação do sensível.

Justificamos essa pesquisa, pois em um mundo tão mecanizado, os sentimentos e emoções são deixados em segundo plano, e a falta de afetividade pode fazer com que alguns alunos se sintam abandonados, fragilizados e desmotivados, e como consequência, tenham um aprendizado menos significativo. Justificamos também a questão da afetividade, pelo crescimento exponencial dessa modalidade de ensino em ADAS, pela importância da afetividade nos processos de ensino aprendizagem e pela escassez de pesquisas sobre essa temática.

Como metodologia para esse artigo, utilizaremos a revisão bibliográfica a partir da palavra chave “afetividade”. A coleta de dados foi dividida em duas partes: a primeira sobre a fundamentação teórica e conceituação sobre a afetividade; na segunda parte da revisão buscando resultados ou pesquisas em andamento, na área da música e de outras áreas, sobre a afetividade. Esperamos com essa pesquisa trazer elementos que ajudem professores, tutores, professores conteudistas e gestores de educação em ADAS a planejar cursos em ADAs, mais afetivos.

2. O Problema da Pesquisa

Um dos grandes questionamentos feitos sobre os cursos em ADAs é a frieza e impessoalidade no processo de ensino-aprendizagem. Onófrio (2016) explica que em ambientes digitais o aprendiz é mediado por uma série de *interfaces*, como o computador, o software e o teclado. Essas interfaces utilizam a linguagem binária para se comunicar o que faz com que a relação entre professor e aluno ocorra sem nenhuma relação afetiva.

Quando os ADAs são utilizados para o ensino musical temos o problema agravado, pois a música tem como característica, além do desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento das habilidades motoras, o desenvolvimento das emoções dos sentimentos. Temos dessa maneira dois problemas quando o ensino da música é feito em ADAS, a questão da falta de afetividades por causa da impessoalidade do ambiente e a

dificuldade de ensinar e desenvolver as emoções e os sentimentos, tão necessários ao ensino musical. Em curso de educação musical em ADAs, os alunos, estão sendo preparados para trabalhar diretamente na formação musical de adultos, jovens e crianças, porém, se não forem preparados para lidar com as emoções e sentimentos, para desenvolver o conhecimento sensível em seus futuros alunos, eles estão preparados apenas para desenvolver os conhecimentos intelectivos e técnicos da música. A seguir trataremos alguns conceitos e discussões sobre o que é a afetividade e como ela acontece no processo de ensino-aprendizagem musical.

3. A afetividade e a música

A sociedade a qual estamos inseridos sempre deu pouca importância para a questão da afetividade nas relações de aprendizado, talvez uma herança da visão “Cartesiana” de Descartes, em que a razão e a emoção são campos segmentados na vida do ser humano.

A música lida com os aspectos sensíveis seja no instrumentista, ao executar uma peça, ou no ouvinte. No instrumentista, os aspectos do conhecimento sensível são desenvolvidos, através do tato, para executar a peça, através da visão para ler o que está sendo executado e através do ouvido, que regula e conduz a prática instrumental. Além dos sentidos utilizados na execução, há aspectos interpretativos como: a dinâmica (forte ou fraco); o caráter (alegre, triste, melancólico, ou religioso); o andamento; o timbre; a sonoridade; entre outros. Essas questões interpretativas são subjetivas e são tratadas de acordo com a vivência pessoal e afetiva do instrumentista. Esses elementos de execução e expressão podem ser captados pelos ouvintes e podem provocar emoções e sentimentos diferentes, desde as emoções imediatas como paixão, raiva e alegria, ou sentimentos mais estáveis como o amor, o ódio e a felicidade (LANE, 1994).

Na educação, seja ela musical ou não, a afetividade é uma parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Ela permeia as relações entre o aluno, o professor, os colegas, o conteúdo e o ambiente. Os sentimentos e emoções envolvidos nessas relações podem ser motivadores ou desmotivadores. Muitas vezes o aluno é avaliado apenas pelo resultado de sua nota, mas não é avaliado e compreendido pela questão da afetividade. As

dificuldades de aprendizado ou notas baixas podem ser reflexos de problemas emocionais, como conflitos momentâneos com algum colega, a raiva de uma situação ou até mesmo por algum comentário do professor, ou por sentimentos mais profundos, como a frustração pela dificuldade em um assunto específico, ou algum sofrimento por uma perda.

Para grande parte das instituições de ensino, a avaliação formativa é a única maneira usada para aferir o desempenho. Por exemplo, um aluno que não é capaz de assimilar e se desenvolver em um campo é deixado de lado, é excluído. Isso ocorre comumente em disciplinas do currículo escolar. Ter dificuldade em matemática, por exemplo, é sinal de pouca capacidade. Não há uma preocupação em entender qual é o problema do aluno. Pode ser timidez em expressar a sua dúvida, problemas familiares, ou mesmo dificuldade em entender a maneira como o professor organiza as suas aulas. Na educação musical a afetividade também é pouco percebida no processo de ensino. É muito comum relato de adultos que criaram traumas de música, por causa da maneira dura e ríspida de seus professores, durante seu aprendizado musical, quando eram crianças. A seguir traremos alguns autores que nos ajudaram a entender a afetividade.

Como afetividade, entendemos os sentimentos e emoções vivenciados pelas pessoas no decorrer da sua vida. Para Leite (2012, p. 360), a afetividade “envolve uma gama maior de manifestações, englobando as emoções (de origem biológica) e os sentimentos (de origem psicológica)”. Para Mahoney (2004, APUD LEITE, 2012, p. 360) “as emoções são identificadas pelo seu lado orgânico, empírico e de curta duração; os sentimentos, mais pelo componente representacional e de maior duração”.

Afetividade é o conjunto de sentimentos que são evocados nas relações sociais e movem o sujeito em relação a uma ação, para Dorsh, Hacker e Stapf (2009) a afetividade designa a emoção ou a capacidade de experimentar os sentimentos e as emoções, sejam eles positivos ou negativos. Para Longhi (2011) as emoções básicas são a raiva, o medo, a alegria, a tristeza e a aversão. Os sentimentos são os nomes que atribuímos às emoções, e desta forma, nos permite expressar em palavras as nossas emoções. Segundo Lane (1994), os sentimentos são “estáveis” e de maior duração, como o amor, a felicidade e o ódio, enquanto as emoções são mais “explosivas”, de menor duração, como a paixão, a alegria e a raiva.

No contexto educacional, de acordo com Piaget (2010) a afetividade pode ser um agente motivador ou desmotivador no processo da aprendizagem. Izard (1984) apresenta em seus trabalhos que as emoções positivas ajudam o desempenho do aluno e as negativas prejudicam os processos cognitivos. Vygotsky (1994) aponta que as emoções afetam de maneira incontestável a aprendizagem.

Na música, Maheirie (2003) a partir de Sartre e Vygotsky compreendem que nos processos de criação musical os sujeitos se relacionam com a percepção, imaginação, sentimentos e emoções. Já Wazlawick (2006), estudou os significados e sentidos expressos nas narrativas que os jovens expressam sobre a sua história de vida em relação a música. Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007) discutiram a construção dos significados e sentidos da música a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Lane (1994) considera:

(...) o ser humano como um todo, em que o físico e o psíquico constituem a unidade que se diz didaticamente e também o ser humano que pode ser conhecido depois do seu contexto histórico e social, do qual, ele é produto e produtos, leva-nos a estudá-lo com um ser em movimento. (LANE, 1994, p. 60)

A partir do conceito da psicologia social, que trata o ser humano como um todo, a questão da afetividade e suas implicações trazem discussões importantes sobre o processo de ensino-aprendizagem, principalmente, quando esse aprendizado ocorre com a distância física entre alunos e professor. Para Damásio:

Como acontecia nas aulas presenciais, os ambientes computacionais de aprendizagem consideravam somente as capacidades cognitivas do aluno e seu conhecimento a fim de tornar o ambiente mais personalizado a ele. Porém, recentes trabalhos de psicólogos e neurologistas têm destacado o importante papel da motivação e da afetividade em atividades cognitivas (DAMÁSIO, 1994; Izard, 1984, APUD JACQUES E VICARI 2005, p. 3).

4. A afetividade em ADAs

Para discutir a questão da afetividade em ADAs é importante explicitar a função de cada um dos agentes que participam do processo de ensino aprendizagem que são os tutores, os professores, os alunos, o conteúdo e o ambiente.

A função do tutor é fundamental, pois é ele que age diretamente com o aluno,

tirando as dúvidas, orientando sobre as atividades e fazendo a mediação entre o ambiente, o conteúdo e o professor. Porém alguns cursos não oferecem um espaço para que o tutor e o aluno se conheçam, o que torna todo o processo direto e apenas técnico. Claro, que muitas vezes pela quantidade excessiva de disciplinas e conteúdos, é difícil encontrar um espaço para que tutores e alunos tenham uma relação mais afetiva. Contudo, algumas iniciativas podem ajudar na afetividade. Cunha, Silva e Bercht (2008) apresentam uma proposta para um modelo afetivo para tutores nos ADAs, oferecendo um conjunto de ferramentas e atividades que aproxime o tutor do aluno e dessa maneira melhorando a interação com o aluno. Essas ferramentas podem ser espaços para troca de ideias, onde tutor e aluno podem compartilhar suas experiências musicais, predileção e como isso criar uma relação mais próxima e afetiva. Cruz e Souza (2014) confirmam a importância da relação entre tutor e aluno ao discutir a afetividade em ADAs. A partir dos depoimentos dos tutores e dos alunos concluíram que as emoções funcionam como um combustível para o aprendizado, e que essa concepção deve ser planejada na construção do curso e os agentes envolvidos devem estar preparados para isso.

O professor é quem gerencia o curso, elabora as atividades e na maioria das vezes é quem confecciona os materiais e conteúdos. Desta maneira a sua função é sobrecarregada e ele pode não ter tempo e ferramentas adequadas para criar espaços em que a questão da afetividade esteja mais presente. Silva e Figueiredo (2012) analisaram a aprendizagem em ADAs e concluíram que a comunicação e interação entre aluno e professor podem estabelecer uma relação de confiança e humanização do ambiente como consequência, a motivação do aluno para o aprendizado. Dorjó (2014) apresenta uma discussão sobre as relações afetivas entre professores e alunos em ADAs e que é necessário uma interação entre eles de maneira que estabeleçam um laço afetivo. Da mesma maneira Pereira e Gonçalves (2010) investigam a afetividade em ADAs identificando como a interatividade entre aluno e professor, contribui para um ambiente de aprendizado mais acolhedor. Concluíram que o vínculo afetivo entre aluno e professor melhora o processo de aprendizagem. Observaram a importância da criação da afetividade entre os membros do curso para melhorar o ambiente de aprendizagem.

O aluno também tem uma importância no seu processo de aprendizado. Ele não

deve ter uma atitude passiva, ou seja, não deve ficar apenas esperando receber o conteúdo, pois, diferente do que ocorre em cursos presenciais, em que os conteúdos são apresentados de maneira expositiva, em cursos em ADAs o aluno precisa interagir com o ambiente, com o tutor e com o professor, e ser capaz de demonstrar as suas dificuldades, não ficar passivo perante as dificuldades. Não é fácil mudar as características pessoais e comportamentais, pois na maioria dos casos, os alunos são a parte mais frágil do processo. Em sua pesquisa Carvalho e Lima (2015) avaliaram a afetividade nos processo de aprendizagem em ADAs e perceberam a importância de criar laços afetivos com os alunos, através de interação e como consequência uma maior motivação para prosseguir nos estudos. É importante que a proposta pedagógica do curso tenha atividades conscientizando a importância da participação do aluno, bem como atividades que o aproximem do seu aprendizado.

Essa falta de afetividade também é percebida na definição das atividades e dos conteúdos. Na maioria dos cursos em ADAs o conteúdo e as atividades são apenas digitalizados, ou seja, o conteúdo segue os mesmos esquemas das aulas presenciais, não é feita uma adequação respeitando as características do ambiente digital, tão pouco, ela é planejada pensando na realidade social, cultural e tecnológica do aluno. Por exemplo, em cursos de graduação para jovens, em que eles estão inseridos em contextos sociais e culturais que privilegiam a tecnologia digital, principalmente aquela disponibilizada em celulares, tem pouco interesse em atividades que não contemplem esses formatos. Desta maneira podem ficar desmotivados, com atividades pouco atraentes, aos seus olhos. Contudo, se os conteúdos contemplam vídeos, atividades em aplicativos, e elementos ligados ao momento e à realidade tecnológica dos alunos podem tornar o ambiente mais afetivo para os alunos. Oliveira et al (2004) relatam a experiência da construção do material didático, para cursos de licenciatura em ADAs, de forma coletiva. Como resultado apontam a importância do trabalho coletivo e multidisciplinar, através de espaços de interação coletiva, fortalecesse o companheirismo e a afetividade.

E por último, o ambiente de aprendizagem. Geralmente em universidades e instituições que oferecem cursos gratuitos, há uma escassez de recursos para investir em ADAs mais sofisticados. Então a opção são os ADAs disponibilizados gratuitamente, como é o caso do MOODLE. Essa plataforma apesar de ser extremamente eficiente para a organização

dos cursos, não é tão impactante visualmente como os aplicativos de celulares, o que pode fazer, com que o aluno sintasse pouco interessado ao ambiente. Apesar do MOODLE oferecer inúmeras ferramentas, é possível agregar ao ambiente, elementos que possam tornar o ambiente mais afetivo para os alunos, como a utilização do *Facebook* como espaço de fórum, o *Twitter* para lembrar de datas e prazos de atividades, o *Youtube* para disponibilizar atividades em vídeos, etc. Além dessas possibilidades de uso de ferramentas fora do *MOODLE*, há nas novas versões do *MOODLE*, *plugins* para criar um ambiente gameificado, ou seja, criar situação de jogo dentro do aprendizado. David, et al. (2014) pesquisaram como a maneira como a afetividade influencia o desenvolvimento da cognição a partir das interações e através dos fóruns. Campos, Melo e Rodrigues (2014) buscaram analisar a afetividade em cursos em ADAs a partir da percepção dos alunos e dos tutores. E concluíram que as ferramentas de interação como fórum e *chat* e uma intenção de aproximação entre tutores e aluno contribuem para os alunos superarem as dificuldades e terem sucesso na continuidade do curso. França, et al (2007) discorrem sobre aspectos da experiência e das percepções da mediação *on-line*, através do aprofundamento na pesquisa sobre a comunicação e a partir disso a entender as relações afetivas.

Devido à grande importância da afetividade na aprendizagem, muitos pesquisadores ligados à área da educação e da computação, têm buscado novas alternativas e possibilidades. Algumas pesquisas apontam para a utilização da Inteligência Artificial, em busca de ambientes computacionais que consigam trazer um pouco de afetividade na relação com os alunos. Esse novo campo de pesquisa que busca integrar a emoção a sistemas computacionais é chamada de *Affective Computing* (Computação Afetiva). Picard (1997) define Computação Afetiva como sistema de computadores, que se relaciona, que surge e que influencia as emoções. O campo de estudo a Computação Afetiva é dividido em uma parte que estuda os mecanismos para reconhecer ou expressar as emoções humanas. A outra parte pesquisa a simulação da emoção em máquinas e na construção de robôs.

5. Considerações finais

Para introduzir ambientes mais afetivos é importante que os profissionais

envolvidos na criação e no desenvolvimento de ambientes, como técnicos, analistas de sistemas, programadores, conteudistas, professores e tutores, sejam capazes de refletir a sua prática pedagógica e metodológica, usando alternativas para tornar o ambiente mais próximo dos alunos e capaz de entender as variações das emoções e maneiras de ajudá-lo a superar os obstáculos.

A partir da revisão pudemos verificar alguns pontos que podem ajudar a tornar o ambiente mais afetivo, como a criação de atividades que tornem a relação entre professor, aluno e tutor mais afetiva: ferramentas de interação como fórum, *chat* e *plugins* para atividades gameficadas.

Observamos também que no ensino musical temos a questão da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e também no processo de formação musical, no desenvolvimento do conhecimento sensível. Desta maneira além do cuidado que devemos ter ao introduzir curso em ADAs, devemos considerar também a dificuldade de desenvolver a sensibilidade no estudante de maneira a não torná-lo apenas uma “máquina de tocar”. Introduzir ao estudo musical, espaços para a apreciação musical, explorando questões de interpretação e execução, bem como materiais teóricos que tratem da questão dos sentimentos e emoções na música, que podem trazer informações importantes ao aluno. Estimulá-lo a participar de encontros musicais, *shows*, peças teatros, museus e explorar a afetividade pode ser uma ferramenta importante, para aproximar o aluno do aprendizado e estimulá-lo a desenvolver a sua própria sensibilidade.

Acreditamos que a computação afetiva trará uma nova abordagem para cursos em ADAs, porém, principalmente no Brasil, pela questão da desvalorização e estímulo à pesquisa, demoraremos algum tempo para realizar pesquisas teóricas e aplicadas usando essa tecnologia. Mas é um caminho próspero e que trará grandes resultados para curso em musicais em ADAs.

6.Referências bibliográficas

CAMPOS, I.M.S.; MELO, M.S.M.; RODRIGUES, J.F. *Educação a distância: o desafio da afetividade na percepção de tutores e aluno*. 2014 Disponível em: <<http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/268.pdf8>> Acessado em: 05/07/2018

CARVALHO, M. R.; LIMA, R. L. A Importância da afetividade na EaD: uma perspectiva de Wallon. *Revista EDaPECI São Cristóvão (SE)* v.15. n. 1, p. 192-205 jan. /abr. 2015

CASTELLS, M. *Sociedade em Rede*. Paz e Terra. São Paulo. 1999

CHIARELLI, L.K.M.; BARRETO, S.J. A música como meio de desenvolver a Inteligência e a integração do ser. *Revista Recrearte* Nº3 Junio 2005. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03.htm>>. Acessado em: 15/07/2018.

CRUZ, S.R.M.; SOUZA, A.M. Afetividade e EAD: Caminhos Possíveis. ESUD 2014 – XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, Florianópolis, SC

CUNHA, C.R.; SILVA, J.M.C.; BERCHT, M. Proposta de um Modelo de Atributos para o Aprimoramento da Comunicação Afetiva para Professores que atuam na Educação a Distância. XIX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2008)

DAVID, P.B.; et al. Análise da Afetividade em Fóruns Virtuais: Construção de uma Ontologia de Domínio. *Nuevas Ideas en Informática Educativa TISE 2014*

DORJÓ, D.S. *Relações Afetivas: Reais Possibilidades a Educação a Distância*. Humanidades e Inovação, Palmas, v. 1, n. 1, jan./jul. 2014

DORSCH, F.; HÄCKER, H.; STAPF, K. H. *Dicionário de psicologia Dorsch*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009

DUARTE JUNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. Curitiba: Edições Criar. 2001

FRANÇA, G.; et al. Design Instrucional: Metodologias, Comunicação, Afetividade e Aprendizagem. *InterScience Place* v.1, n.2 2007 Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/15/14>>. Acessado em: 15/07/2018.

FORTES, F.M. A superação das limitações da terceira idade através de danças adaptadas. *Anuário da Produção Acadêmica Docente*. Vol. II, Nº. 3, Ano 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/71981845-A-superacao-das-limitacoes-da-terceira-idade-atraves-de-dancas-adaptadas.html>>. Acessado em: 07/06/2018.

ILARI, B. Em Busca Da Mente Musical. Ensaios Sobre Os Processos Cognitivos Em Música. Ed. UFPR. 2006.

IZARD, C. Emotion-cognition relationships and human development. In: IZARD, C.; KAGAN, J.; ZAJONC, R.B. (Ed.) Emotions, cognition, and behavior. New York: Cambridge University Press, 1984. p. 17-37.

JQUES, P. A.; VICARI, R. M. Estado da Arte em Ambientes Inteligentes de Aprendizagem que Consideram a Afetividade do Aluno. Informática na educação, UFRGS: Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2005. Disponível em: <<http://www.pgie.ufrgs.br/revista>>. Acessado em: 05/05/2018.

LANE, S. T. M. (1994). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In S. M. Lane & B. B. Sawaia. (Org.). Novas Veredas da Psicologia Social (pp. 55-63). São Paulo: Brasiliense.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas em Psicologia – 2012, Vol. 20, no 2, 355 – 368 DOI: 10.9788/TP2012.2-06

LONGHI, F. A história da revolução das startups. Imasters, 2011. Disponível em: <<https://imasters.com.br/artigo/20027/mercado/a-historia-da-revolucao-das-startups>>. Acessado em 01/07/2017

MAHEIRIE, K. O Processo de Criação no Fazer Musical: Uma Objetivação da Subjetividade, a Partir dos Trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003

OLIVEIRA, T. Z. Q.; et al. A Construção do Material Didático e EAD: uma Experiência de Aprender Fazendo. Através da Ação do Conhecimento e da Afetividade. Congresso da ABED 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/038-TC-B2.htm>>. Acessado em 07/07/2017.

ONÓFRIO, R. M. G. A Tecnologia e as Interfaces no Ensino do Violão em Ambientes Digitais. X Encontro Regional Sudeste da ABEM Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 15 a 17 de setembro de 2016

PEREIRA, M. J. A.; GOLÇALVES, R. Afetividade: Caminho para a aprendizagem. Revista Alcance - revista eletrônica de EAD da UNIRIO | Ed. 01 | 2010

PIAGET, J. A evolução social e a pedagogia nova. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. (Orgs.). Sobre a Pedagogia: Textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. SARTÓRIO, L. A. V. Apontamentos críticos às bases teóricas de Jean Piaget e a sua concepção de educação. Revista eletrônica Arma da Crítica, n.2, p. 205-226, Dez 2010. Disponível em: <http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_12_especial.pdf>. Acessado em 07/07/2017.

PONTY, M. P. Fenomenologia da percepção. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, C.G.; FIGUEIREDO, V F. .Ambiente virtual de aprendizagem: comunicação, interação e afetividade na EAD. Revista Aprendizagem em EAD – Ano 2012 – Volume 1 – Taguatinga – DF outubro /2012 –Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>>. Acessado em 01/07/2017.

VYGOTSKY, L. The Problem of the Environment. In: VEER, R. V.; VLASINER, J. (Ed.). The Vygotsky Reader. Cambridge, MA: Blackwell, 1994. p. 338-354.

WAZLAWICK, P. Quando a Música entra em Ressonância com as Emoções: Significados e Sentidos na Narrativa de Jovens Estudantes de Musicoterapia. R. cient./FAP, Curitiba, v.1, p., jan./dez. 2006

WAZLAWICK, P.;CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K. Significados e Sentidos da Música: Uma Breve “Composição” a Partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 1, p. 105-113, jan./abr. 2007